

**UMA LEITURA DA PAISAGEM EM BRÁS CUBAS E QUINCAS BORBA DE  
MACHADO DE ASSIS: UM OLHAR ESTÉTICO-GEOGRÁFICO SOBRE O RIO DE  
JANEIRO DO SÉCULO XIX**

**READIN THE LANDSCAPE IN BRÁS CUBAS AND QUINCAS BORBA BY MACHADO DE  
ASSIS: AN AESTHETIC-GEOGRAPHIC POINT OF VIEW ON CENTURY XIX RIO DE  
JANEIRO**

**Marquessuel Dantas de Souza**

Estudante do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte da Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: marquessuelgf@yahoo.com.br

**RESUMO**

O presente texto objetiva-se em analisar a ideia de paisagem contida nas obras *Brás Cubas* e *Quincas Borba* do escritor Machado de Assis. Com isso, engendra a possibilidade de uma leitura da cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Através dessas obras torna-se necessário chamar a atenção para o valor de se estudar as artes no âmbito da Geografia, que, neste particular parte de um olhar por meio de romances. Não obstante, podem-se considerar também poemas ou contos. Uma vez que a narrativa aqui se inscreve, grosso modo, no meio urbano, surge uma estética singular quando das descrições de ruas e lugares próprios da cidade litorânea e suas características. A paisagem transcende os personagens em seus relacionamentos citadinos do cotidiano.

**Palavras-chave:** Geografia. Paisagem. Brás Cubas. Quincas Borba. Machado de Assis.

**ABSTRACT**

This paper objective is to examine the idea of landscape works contained in *Brás Cubas* and *Quincas Borba* by Machado de Assis. So it engenders the possibility of a reading of the city of Rio de Janeiro in the nineteenth century. Through these works it is necessary to pay attention to the value of studying the arts in the context of Geography that in this particular case, parts of a look through the novels. Despite, we can also consider poems or stories. When the narrative here falls roughly in the urban environment, it arises with a singular aesthetic description of streets and places in own seaside town and its features. The landscape transcends the characters in their town's relationships every day.

**Keywords:** Geography. Landscape. Brás Cubas. Quincas Borba. Machado de Assis.

## 1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis; teu nome vale o século em que viveu, ou melhor, seu nome equivale o século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Tua marca está registrada em seus escritos que, *grosso modo*, podemos dizer escritos magistrais para com a cultura brasileira. Neste sentido, o mesmo é válido, por exemplo, para Mario de Andrade, principalmente quando da contribuição de sua crítica literária e sua crítica para com a música brasileira. Verdadeiramente, Machado de Assis traduz nas entrelinhas de seus escritos uma geografia imanente que poucos literatos, ou melhor, poucos críticos de arte conseguiram enxergar. Muito embora o próprio Machado não tenha demonstrado interesse em promover um discurso de cunho geográfico em seus textos. Identifica-se que Machado de Assis não se preocupou em descrever a paisagem do Rio de Janeiro. Muito embora, seus escritos nos deixem impressões riquíssimas sobre o tema.

Não obstante, a geografia contida em seus textos nos mostra, por assim dizer, uma cidade (Rio de Janeiro) num contexto importante na política, economia e etc., do Brasil em transição do fim do período imperial. Por conseguinte, é notável lembrarmos que os textos machadianos tratados aqui (Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba) se passam no âmbito urbano, quer dizer, os escritos apresentam-se como um diagnóstico ou, podemos considerar um itinerário de geografia urbana. Há pouca descrição do meio rural. A bem dizer, quase toda a obra machadiana se passa no ambiente urbano: característica sua, homem citadino, um burguês carioca.

O presente texto apresenta-se para um olhar sobre a ideia de paisagem, em especial, do Rio de Janeiro do século XIX. As obras Brás Cubas e Quincas Borba são as peças onde o cenário carioca acontece. É por intermédio destes romances, principalmente, que a geografia de Machado de Assis se nos apresenta diante sua inegável capacidade estético-pictórica no que se refere ao espaço de vivência. Portanto, faz-se necessário uma viagem para descobrirmos um Brasil do passado que ainda está presente cujos relevos mudaram, mas mesmo assim ainda continua em sua forma original desde o século de Machado de Assis.

## 2 BRÁS CUBAS E QUINCAS BORBA: UM PRELÚDIO LÍTERO-GEOGRÁFICO

“A dialética entre Geografia e Literatura é fundamental para compreendermos a relação do ser ou criador artístico com a experiência da narrativa dos lugares” (SOUZA, 2013a, p. 244). Ao efetuar um estudo relacionando dois campos do saber, verifica-se a

complexidade em tratar o assunto. Contudo, vê-se o enriquecimento por ter dois modos de se ler ou decifrar o mundo. Assim, os estudos geográficos por meio da literatura nos possibilitam entendermos o passado a fim de que possamos compreender o presente e, por conseguinte, o futuro.

Transformações socioespaciais fecunda e potencialmente evidentes, o olhar geográfico na interioridade da obra literária traduz a percepção que o geógrafo tem do mundo circundante. Ambos os romances, tem, originalmente dez anos de diferença quando de suas publicações (Memórias Póstumas de Brás Cubas de 1881 e Quincas Borba de 1891). Por sua vez, nos deixam a impressão de uma singular participação quando de suas descrições referentes à geografia urbana carioca. Pensar a grafia brasileira é pensar a cultura histórico-geográfica do Brasil. Os passeios pelas ruas do centro da cidade bem como de áreas afastadas da região central, os relatos de acontecimentos são descrições que permeiam todo o texto de ambos os romances machadianos são detalhes fundamentais para identificar a geografia machadiana.

Apesar de serem - assim consideramos - romances psicológicos e filosóficos (principalmente Brás Cubas), há em ambos uma intenção geográfica. Machado de Assis fora um verdadeiro paisagista brasileiro, ele percebeu a natureza do país de forma singular. Ele a descreveu sutilmente. Nas obras que estamos estudando, Machado descreve uma experiência da e na cidade na maioria das vezes, muito embora a vida no campo apareça em alguns momentos nos escritos em questão. - É a paisagem na sociedade urbana que será amplamente analisada pelo escritor e residente Machado. A paisagem urbana, claro, é a do Rio de Janeiro em pleno século XIX. Por sua vez, capital do império do Brasil. Neste contexto, pode-se dizer ser “Machado de Assis, pintor da natureza e paisagista” (BASTIDE, 2002/2003, p. 193).

É evidente que a arte de Machado de Assis corresponde ao desabrochar dessa sociedade urbana, a esse instante de embriaguez após três séculos de patriarcalismo, de encerramento no círculo da família, a essa nova alegria de viver. Não é impunemente que a rua representa nos romances do nosso escritor um papel considerável: é que ela constitui o ponto de ligação das casas, une entre si as salas de visitas, significa o fim do isolamento colonial (BASTIDE, 2002/2003, p. 194).

Há neste contexto, de considerar “Machado de Assis um dos maiores paisagistas brasileiros” (BASTIDE, 2002/2003, p. 193). De fato, Machado além de descrever a paisagem, também descreve a vida carioca. Destarte, o olho Machadiano vê o Rio de Janeiro se deslumbrar diante da própria natureza. A narrativa machadiana consegue, por assim dizer, fazer com que o geógrafo tenha em mente que o mundo não é ideal, mas real. Porém, é

possível relacionar as coisas e fazê-lo adequado às nossas necessidades. Os caminhos que se cortam na paisagem carioca nos escritos machadianos nos faz identificar, *grosso modo*, um *geógrafo aprendiz* que fora Machado de Assis. Desvelando o espaço geográfico.

A presença de ruas e praças do centro velho da cidade do Rio de Janeiro, assim como dos morros, nos romances de Machado de Assis, é elucidativa de como esses espaços, a partir do momento que articulam vivências e experiências, ao mesmo tempo em que passam a ser dotados de valor e sentimentos, tornam-se lugares na narrativa machadiana. Espaço urbano esse que sofreu inúmeras intervenções a cada uma das fases de crescimento da cidade e que teve como resultado a criação de ruas e praças que hoje fazem parte da paisagem da cidade do Rio de Janeiro. (BARCELLOS, 2009, p. 48).

A estética pitoresco-descritiva de alguns bairros do Rio evocada por Machado transmite, ou, traduz que o próprio autor dos textos exercia uma preocupação com os pormenores de seu meio. Através das palavras machadianas é permitido dizer de sua sensibilidade para com a cidade que concentrava quase toda a riqueza da nação, ou como queiram do território (pois o Rio de Janeiro era a capital da nação). A natureza está em toda parte. Neste sentido, os textos machadianos nos demonstram sensivelmente que “a geografia está em toda parte.” (COSGROVE, 1998, p. 93).

A relação homem-meio parece mais “uma espécie de participação mística do humano com o telúrico” (BASTIDE, 2002/2003, p. 198), contudo, isso não é uma aparência, mais sim uma realidade existencial efetiva. A natureza, talvez, possa parecer ausente de uma tela ou de uma narrativa, porém, “estando na realidade estranhamente presente” (BASTIDE, 2002/2003, p. 198). A representação da vida social presente em Machado de Assis contribui, para aquilo que chamaremos ‘espetáculo do ser-com’, ou seja, uma fenomenologia do ser espacial (o homem) na relação com o ontológico (o além dele mesmo) no sentido heideggeriano. Uma questão ou ação metafísica, no sentido kantiano, e, ao mesmo tempo, realizando a transvaloração de todos os valores no sentido nietzschiano.

Os personagens machadianos aparecem sempre se relacionando, nunca isolados. Narrativa estética do jardim carioca, uma noção da dimensão espacial do autor dos romances. As impressões de Machado de Assis à literatura expressam seu verdadeiro espírito de escritor comprometido para com sua pátria. O mesmo busca “descobrir um meio de fazer a beleza carioca servir mais intimamente à beleza de seus romances” (BASTIDE, 2002/2003, p. 200). Além disso, “Machado de Assis realiza o milagre de tornar a natureza mais presente do que se a pintasse em longas páginas” (BASTIDE, 2002/2003, p. 200). Ele torna-se um verdadeiro autor místico paisagista. Para Machado, “o pedaço de praia entre a Glória e o Flamengo une

com sua areia úmida, sua geografia oceânica e sentimental, a casa de Casmurro e a de Escobar” (BASTIDE, 2002/2003, p. 201). Neste contexto, percebe-se Machado de Assis um homem “cidadino agarrado às ruas cariocas” (BASTIDE, 2002/2003, p. 202).

Nas palavras de Roger Bastide: “esse escritor foi a de ser um dos maiores paisagistas do Brasil” (BASTIDE, 2002/2003, p. 202). Algo que já fora afirmado anteriormente. Na síntese de suas análises “o artifício da linguagem verbal transforma o texto literário em uma das possibilidades de expressão, representação e conhecimento da sociedade via a utilização das palavras (língua)” (ANTONELLO, 2005, p. 3). Com efeito, “a paisagem urbana aparece apenas de forma esporádica no romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, se entendermos *presença* no sentido exclusivamente descritivo” (SANTOS, 2003, p. 177, grifo do autor).

Nesses romances de Machado de Assis “as curtas descrições, muitas vezes resumidas em uma frase, têm importância desproporcional a sua extensão, pois ampliam a compreensão das personagens e sugerem nuances sobre o significado dos acontecimentos” (SANTOS, 2003, p. 179). Bem entendido, “a representação literária em *Quincas Borba* busca formalizar ficcionalmente a compreensão crítica do autor sobre a sociedade de sua época” (SANTOS, 2003, p. 179, grifo do autor). Assim, podemos dizer o mesmo em *Brás Cubas*. A ideia de natureza (imane) nas entrelinhas nos textos machadianos nos oferece uma síntese de seu convívio em seu ambiente urbano. Neste sentido, o que os seus escritos exprimem são impressões do homem cidadão. O homem que vive em meio aos materiais e outros utensílios da cidade, além da concentração intelectual da Corte. Uma vivência experimental do sujeito urbano, um indivíduo do meio político e que representa a sociedade da cidade grande.

A natureza, que no seu ser e no seu sentido profundos nada sabe da individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de "paisagem." (SIMMEL, 2009, p. 7).

Para tanto, perceber a natureza nos faz enxergar a “Paisagem como obra de arte pictórica” (SIMMEL, 2009, p. 08). Assim sendo, há a impressão de uma ideia mítica sobre o lugar, porém, o que se observa é a existência real agindo incessantemente. A linguagem usada por Machado de Assis facilita a identificação da paisagem carioca do século XIX. Com efeito, uma paisagem urbana em geral. Por conseguinte, “as ruas, praças e morros são espaços que se transformam em lugares, os quais estão representados nos romances machadianos” (BARCELLOS, 2009, p. 49).

Ao recorrermos ao texto literário podemos perceber que o espaço na obra machadiana se apresenta múltiplo, ora como espaço, ora como lugar, pois o escritor se fixava principalmente num trecho de rua, numa praça, num caminho, na praia ou na chácara (BARCELLOS, 2009, p. 41).

É preciso que a natureza seja uma personagem que represente o seu papel, que a paisagem tenha significação e finalidade próprias, que sirva para facilitar a compreensão dos homens ou auxiliar o desenrolar da ação, e não seja um mero quadro rígido (BASTIDE, 2002/2003, p. 198).

Uma breve noção de metamorfose urbana, ou, como queiram a transformação da cidade do Rio de Janeiro é evidente nestes textos do escritor carioca. A paisagem serve como ponto de referência ao sentido de localização, e isto é bem explícito em ambos os romances machadianos. Uma conjuntura das múltiplas paisagens na unidade da natureza.

## 2.1 A PAISAGEM EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: UMA BREVE LEITURA

As descrições paisagísticas contidas no Brás Cubas nos fornece uma ideia ontológica por parte ao autor defunto. “Pois somos aquilo que viemos” (SOUZA, 2012, p. 84). Isto é, a época em que viveu Machado de Assis possibilitou que o mesmo descrevesse sua cidade como ela própria se apresentava diante seus olhos. Portanto, é a partir deste cenário que o escritor encaminhará sua trama. O momento o envolve inexoravelmente.

A primeira descrição da narrativa desde romance se passa exatamente quando de seus primeiros dias de existência. Uma espécie de filosofia do ser é o que o autor defunto narra de sua história. Destarte, os contornos da cidade com seus ornamentos também são postos em linguagem simples. Brás Cubas nos confessa de seu primeiro encontro público no conduzindo assim: “batizei-me na Igreja de São Domingos, uma terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro” (ASSIS, 2012, p. 33). Passados alguns anos, depois de estudar na Europa e agora de volta ao Rio, na casa de campo devido sua retirada logo após o falecimento de sua genitora, o Senhor Brás Cubas se expressa assim: “sejamos simples, como era simples a vida que levei na Tijuca, durante as primeiras semanas depois da morte de minha mãe.” (ASSIS, 2012, p. 61).

Bem entendido, já na vida adulta pública, diante um convite do Conselheiro Dutra, Brás Cubas se dirige para o Largo de São Francisco de Paula no centro da cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, há caminho nesta direção se expressa da seguinte maneira: “dadas as voltas, ao passar pela Rua dos Ouveiros, consulto o relógio e cai-me o vidro na calçada” (ASSIS, 2012, p. 76). Devemos ressaltar que alguns acontecimentos marcam a narrativa desse

romance humanista machadiano. – Não podemos nos esquecer de que Virgília e Lobo Neves são personagens importantes na trama do romance. Em suas memórias Brás Cubas em algum momento fala de sua vida fora do ambiente caseiro. Numa breve citação este diz que foi certa noite “ao Teatro de São Pedro” (ASSIS, 2012, p. 135). Fora nesta ocasião que lhe fez surgir à teoria da nudez (narrada no texto). Para tanto, algumas passagens breves como estas nos deixam uma rica impressão da vida cidadina e como a cidade se apresenta com suas feições e suas variadas formas de mescla entre as pessoas que a habitam.

O episódio do encontro de Brás Cubas com Quincas Borba, depois de muitos anos torna-se marcante em sua dialética. Esse encontro acontece como de imprevisto. O Quincas o encontra em uma das ruas da cidade e lhe pergunta: “sabe onde moro? No terceiro degrau das escadas de São Francisco, à esquerda de quem sobe” (ASSIS, 2012, p. 99). A partir desse momento os dois companheiros do colégio se aproximam e uma singela amizade se perpetua até a morte do Quincas. Antes, porém, o Senhor Quincas expõe para o senhor Brás sua filosofia da miséria, cuja mesma lhe denominou de Humanitismo (de Humanitas), ou como bem o expressou, “princípio das coisas.” (ASSIS, 2012, p. 134).

“A representação do espaço geográfico da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX” (BARCELLOS, 2009, p. 41) descrita por Machado de Assis numa passagem do romance nos faz perceber sua sensibilidade singular perante a situação da vida urbana. Pois que, conforme o autor defunto, quando o mesmo faz uma breve reflexão sobre sua idade, as impressões paisagísticas possuem um caráter único em seu relato. Neste momento podemos dizer que o que ocorre é uma espécie de transcendência da paisagem (no sentido fenomenológico).

Não falo dos anos. Não os sentia; acrescentarei até que os deitara fora, certo domingo, em que fui à missa na capela do Livramento. Como o Damasceno morava nos Cajueiros, eu acompanhava-os muitas vezes à missa. *O morro estava ainda nu de habitações*, salvo o velho palacete do alto, onde era a capela [...] *o morro era então desabitado* (ASSIS, 2012, p. 160-161, grifos nossos).

Essa passagem nos mostra as transformações na paisagem. Quer dizer, quando o senhor Brás Cubas faz essa elucidação nos transmite que na sua juventude esta região as coisas ainda estavam longe do modelo de cidade que era possível ver no centro da mesma. Em realidade, o autor defunto descreve uma paisagem com pouca interferência humana. Porém, com o passar dos anos a mesma região fora mudando de aspecto devido ao crescimento da cidade.

Algumas outras passagens paisagísticas são citadas no romance, como por exemplo, a praia do Flamengo, Botafogo, a praia da Gamboa e outras. Neste momento há que observar a importância deste texto machadiano. Apesar de sua ótica não direcionar-se para o estudo geográfico da natureza, mesmo assim é fundamental considerar suas breves descrições de ruas e outros invólucros da cidade do Rio de Janeiro imperial. Além disso, é notório colocar que nas *Memórias* Machado de Assis faz questão de lembrar-se do ano de 1822, “data da nossa independência política.” (ASSIS, 2012, p. 43). Acontecimento marcante para e na história do Brasil.

## 2.2 A PAISAGEM EM QUINCAS BORBA: UMA BREVE LEITURA

A primeira frase do romance *Quincas Borba* consiste numa breve descrição paisagística carioca singular: “Rubião fitava a enseada – eram oito horas da manhã” (ASSIS, 2010, p. 13). Ele estava “à janela de uma grande casa de Botafogo” (ASSIS, 2010, p. 13). Com efeito, esta passagem assim como muitas outras confirmam as descrições - muito embora breve - de alguns locais específicos da cidade do Rio de Janeiro. Vê-se desde já a importância dos detalhes nos textos machadianos.

O personagem *Quincas Borba* numa sutil descrição relata a seguinte passagem comentando a morte da avó: “Foi no Rio de Janeiro, comentou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir à cadeirinha, que a esperava no largo do Paço [...]. Foi levada em braços para uma botica da rua Direita...” (ASSIS, 2010, pp. 17-18). Neste relato vê-se que “a paisagem depende do ponto de vista” (ASSIS, 2010, p. 30), do sujeito presente no meio que o envolve. Conquanto que o mesmo saiba percebê-la em sua conjuntura.

Em outra passagem percebe-se que *Quincas Borba* mantém seu laço de amizade com pessoas que estavam em outras cidades distantes da capital do império do Brasil. “Chegados à estação da Corte, despediram-se quase familiarmente. Palha ofereceu a sua casa em Santa Teresa; o ex-professor ia para a Hospedaria União, e prometeram visitar-se” (ASSIS, 2010, p. 34). É nítido o mundo vivido que se passa em toda a trama romanesca de Machado de Assis. Neste contexto, perguntemos o que é o mundo vivido? É o lugar vivido, o lugar de vida, onde as coisas acontecem. Em outras palavras, “é o mundo onde estamos inseridos inegavelmente, por todas as nossas ações como ser existencial” (SOUZA, 2013b, p. 271).



Sem embargo, o personagem Quincas descreve regiões da cidade que mostra a vida na corte. Há um comentário muito interessante: “tinha-lhe sido apresentado em certo armazém da rua Municipal” (ASSIS, 2010, p. 38). - Em certo sentido, a descrições das narrativas se passam em sua maior parte no centro da cidade, ou nas proximidades (região central). As ruas centrais são as referências básicas do romance. “O certo é que a alcunha ficou. A botica era na rua de São José, ao desembocar na rua Misericórdia...” (ASSIS, 2010, p. 44). Percebe-se que a paisagem se inscreve de maneira particular entre uma esquina e outra. Mais além, falando de Sofia e Rubião surge esta passagem: “chegaram à casa na rua do Senado” (ASSIS, 2010, p. 53). Para tanto, indo Rubião deslocado “deu por si na praça da Constituição. Viera à toa. Pensou ir ao teatro, mas era tarde. Então dirigiu-se ao Largo de São Francisco para meter-se em um tálburi e ir a Botafogo” (ASSIS, 2010, p. 56).

O senhor Rubião certa vez lembrou-se de um episódio que lhe passara, e seu pensamento fez surgir esta descrição: “um dia, às oito horas da manhã, saiu de casa, que era na rua do Cano (Sete de Setembro), entrou no Largo São Francisco de Paula; dali desceu pela rua do Ouvidor” (ASSIS, 2010, p. 57). Rubião outra vez deixou ir-se ao acaso. “O acaso, em vez de levá-lo pela rua do Ouvidor abaixo até à da Quitanda, torceu-lhe o caminho pela dos Ouvires, atrás do préstito” (ASSIS, 2010, p. 58). Para tanto, numa outra ocasião ia para o Largo do Moura, sem contar que gostava de andar a pé, por sua vez, andava muito acompanhado do cocheiro. E numa outra ocasião “iam subindo a rua da Lapa” (ASSIS, 2010, p. 59). - Outras passagens são citadas, tais como a praia do Flamengo, rua da Alfândega, o Catete, rua do Inválidos, São Cristóvão, Glória, rua da Harmonia, rua do Príncipe entre outras. Percebe-se, portanto, que muitas ruas, praças e bairros são citados. Isto é corrente em todo o texto do romance.

O personagem Carlos Maria no dia seu casamento resolveu passear e, “desta vez escolhera o bairro do Engenho Velho” (ASSIS, 2010, p. 150). Em um de seus passeios públicos, Sofia se referindo à Rubião diz:

Onde estaremos nós? – perguntou-lhe – É ocasião de separar-nos. Veja do lado de lá; onde estamos? Parece que é o convento; estamos no Largo da Ajuda. Diga o cocheiro que pare; ou se quer, pode apear-se no Largo da Carioca... (ASSIS, 2010, p. 177).

Este último trecho mostra como os lugares aparecem rapidamente na trama do romance. São deste modo que todo o texto está repleto de descrições (breves), todavia, literariamente geográficas. Não obstante, lembremos que a dialética envolvendo Geografia e

Literatura é de suma importância para compreendermos a “relação do ser ou do criador artístico com a experiência da narrativa dos lugares, com o mundo” (SOUZA, 2013c, p. 105). Uma relação do homem com o meio que o envolve inegavelmente.

### 3 CONSIDERAÇÕES

O que a obra machadiana nos revela é significativa do ponto de vista cultural e contribui muito para os estudos geográficos, porém, temos que buscar o seu significado nas raízes de suas obras. Ou seja, devemos nos comportar em algum momento, *a priori*, como arqueólogos para conseguirmos decifrar a anatomia, por assim dizer, de seus escritos. Contextualizar seus escritos é muito importante. Isto também é válido para autores brasileiros renomados tais como Mário de Andrade, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, apenas para citar alguns.

Consideramos que isto também é valioso não apenas nas análises dos romances, mas em abordagens de contos, poemas e, bem como em crônicas. Os escritos machadianos nos situam no tempo e no espaço no sentido de mapear uma região e nos mostra como as mudanças na geograficidade (no sentido de Dardel) e na temporalidade deixam resquícios de um passado que, *grosso modo*, ainda preservado. Ou seja, algumas ruas ou praças da cidade do Rio de Janeiro descritas ao longo dos textos ainda existem nos dias atuais. Principalmente aquelas localizadas no centro da cidade ou nas proximidades. O mesmo pode-se dizer de alguns bairros, igrejas e praias ou enseadas. O centro velho da cidade do Rio de Janeiro, principalmente, foi palco ou atelier para grandes obras no contexto da história do Brasil.

A pintura literária traçada por Machado de Assis nos transmite uma capacidade outra, no qual podemos chamar de o maior escritor brasileiro do século XIX. Portanto, somos orientados por exigência própria a dizer que Machado de Assis fora o Homero brasileiro, o Goethe brasileiro. - Talvez seja um abuso, mas já que estamos tratando de Geografia podemos chamá-lo de o Humboldt do Brasil. Machado de Assis nos romances Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba, principalmente, assim como em Dom Casmurro e outros, por exemplo, desenvolve uma *poética da cidade*. - A imagem da cidade está presente em todo o texto dos dois romances aqui abordados. A delicadeza e a eloquência são formas outras que Machado de Assis utiliza para transmitir a sua percepção de mundo.

Ao falarmos da arte no âmbito da Geografia, acreditamos que este simples texto mostrou, *sine qua non*, ao menos em parte o valor da aproximação, ou melhor, a riqueza da relação entre Geografia e Literatura. Um olhar outro diante à realidade que nos faz sermos. Uma fenomenologia geográfica.

## REFERÊNCIAS

- ANTONELLO, Ideni Terezinha. O olhar geográfico na interioridade do olhar sensível da obra literária. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, UEL. Londrina, 2005. 16 p. Disponível em: <<http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/ideni.pdf>>. Acesso em 04 de agosto de 2012.
- BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço, Lugar e Literatura: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Revista Espaço e Cultura*, n. 25, pp. 41-52, Rio de Janeiro, Jan./Jun. de 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoe cultura/article/view/3562/2482>>. Acesso em 25 de junho de 2012.
- BASTIDE, Roger. Machado de Assis, paisagista. (Apresentação de Joaquim Alves de Aguiar). *Revista USP*, n. 56, p. 192-202, dez./fev. 2002-2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/56/22-roger.pdf>>. Acesso em 09 de setembro de 2013.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. pp. 92-123. (Coleção Geografia Cultural).
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. 208p. (Coleção obra-prima de cada autor; 18).
- \_\_\_\_\_. *Quincas Borba*. 3ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2010. 242p. (Coleção obra-prima de cada autor; 59).
- SANTOS, Fabio Muruci dos. A Paisagem Oculta: desvelando o Rio de Janeiro do *Quincas Borba* de Machado de Assis. *Revista Letras*. Editora UFPR, Curitiba, n. 60, pp. 176-201, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/2864/2346>>. Acesso em 22 de junho de 2013.
- SIMMEL, Georg. A Filosofia da Paisagem. (Traduzido por Artur Mourão). Universidade da Beira Interior. Portugal: Covilhã, 2009. (Coleção: Textos Clássicos de Filosofia). Disponível em: [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net). Acesso em 22 de junho de 2013.
- SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia e Cultura: o espaço em prosa, mapa literário e imaginação. *Revista Ra'e Ga*, Departamento de Geografia UFPR, Curitiba, v. 28, pp. 242-253, 2013a. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/index>>. Acesso em 11 de junho 2013.
- \_\_\_\_\_. Geografia e Fenomenologia: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana. *Revista Caminhos de Geografia*. Uberlândia, v. 14, n. 46, pp. 265-272, Jun./2013b. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/17889/12825>>. Acesso em: 03 de setembro de 2013.
- \_\_\_\_\_. Geografia, Literatura e Música: o simbolismo geográfico na arte. *Revista de Geografia*. (UFPE). Recife, v. 30, n. 1, pp. 103-147, 2013c. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/667/480>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2013c.
- \_\_\_\_\_. *Geografia e Percepção: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.